



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

## “É CAMPEÃO?!”: A TRAJETÓRIA DO CORITIBA NA CONQUISTA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1985 SEGUNDO A REVISTA PLACAR

FERREIRA, Daniel Vinicius, (PG), História, UFPR, ferreir\_10@yahoo.com.br  
RIBEIRO, Luiz Carlos (OR), História, UFPR, ribeiro@ufpr.br

**RESUMO:** O presente estudo tem como objeto de pesquisa os discursos na construção da conquista do campeonato brasileiro de futebol pelo Coritiba Foot Ball Club, no ano de 1985, presentes nas edições da revista *Placar* deste mesmo ano. O objetivo central é explicitar de que forma foi construída a campanha do clube paranaense, tendo como referencial os estudos do sociólogo Ronaldo Helal sobre as “representações de idolatria” do campo esportivo nos veículos *mass media*, aliado as considerações do antropólogo Luiz Henrique de Toledo acerca das simbologias que o futebol assume enquanto temática presente no jornalismo esportivo. Metodologicamente, à partir da revista, constrói-se um quadro da imagem que o clube tem no início do campeonato, descreve-se como esta imagem vai se moldando no decorrer do campeonato conforme a campanha do clube de desenrola, até atingir um quadro final com a conquista do clube do campeonato daquele ano. Dentro dessa linha de raciocínio, busca problematizar as razões históricas que condicionam a representação que se faz na revista da campanha coritibana.

**Palavras-chave:** Coritiba Foot Ball Club. História. Representação.

### 1 INTRODUÇÃO

Segundo Paulo Leminski o título de campeão brasileiro de 1985 conquistado pelo Coritiba, refletiria um marco-histórico:

Foi muito bom saber que futebol não é só de cariocas, paulistas, mineiros e gaúchos. E, se o título foi nosso, pode bem ser de pernambucanos, baianos, catarinenses, capixabas de goianos e matogrossenses, brancos, negros e mulatos queridos de meu Brasil, que escrevem com os pés a arte maior do meu país (LEMINSKI, 1985, p. 15)

“Marco” que não restringimos a sua menção como “grande acontecimento” apenas para o poeta curitibano, paranaense e atleticano. Muito pelo contrário: o momento escolhido aqui como tema tem sua relevância na medida em que sua lembrança é muito evocada na interpretação de grande parte dos torcedores do time curitibano como o momento que a agremiação Coritiba Foot Ball Club legitimou e consolidou um lugar entre os chamados “grandes clubes” do futebol brasileiro.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

De fato, o título brasileiro conquistado pelo Coritiba – e também depois pelo Atlético no ano de 2001 – pode ser considerado como uma exceção, no “recorrente revezamento” entre apenas clubes do “eixão” (Rio-São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul), que se percebe na disputa do torneio nacional, desde o seu início da década de 1970, até os dias atuais. Mas afinal, qual seria a “repercussão nacional” – e o significado histórico o qual esta representação assume - que a conquista coxa-branca teria inspirado nas fronteiras do “além Paraná”? Partindo desse pressuposto, o que se busca neste artigo é evidenciar os contornos históricos e sociais da representação desta conquista, o qual se fez em um dos mais conhecidos veículos midiáticos que trata do “tema” futebol no Brasil, exatamente sobre um “viés nacional”: a Revista Placar.

Como iremos demonstrar, a temática de estudo aqui proposto revelar-se-á - na revista *Placar* - como fonte motivadora de inúmeras construções simbólicas e de alteridades no campo esportivo, mas que nele não encerram seus limites de representação e influência.

Assim sendo, divide-se o presente artigo em quatro momentos. Primeiramente, buscaremos oferecer uma descrição “imagética” do Coritiba Foot Ball relacionando so outros clubes também, descritos pela revista *Placar* nos inícios do ano de 1985. À partir daí, num segundo momento demonstraremos como a revista vai interpretar os êxitos da equipe de acordo com o desenrolar da disputa. Num terceiro momento, iremos demonstrar a “inserção social” e a natureza histórica das representações oferecidas pelo veículo.

## 2 PLACAR: A EQUIPE COXA BRANCA NOS INÍCIOS DO CAMPEONATO

Segundo *Placar*, para o campeonato de 1985 a equipe coxa-branca acreditaria no poder do seu conjunto, na ajuda do transcendental, na experiência do técnico Dino Sani e no “declínio” do futebol brasileiro, para obter sucesso neste ano. Lela e Tóbi(jogadores) seriam os possíveis destaques do clube paranaense, este último almejando ir para algum “grande clube”:

A FÉ NO CONJUNTO. Dino Sani, o técnico, sabe que não tem grandes craques. Mas acredita na força da solidariedade. Com uma equipe apenas modesta, cuja maior qualidade é o conjunto adquirido já no último campeonato brasileiro, quando terminou em sexto lugar, o Coritiba entretanto sonha alto em 1985: fala até em título. Muita pretensão? Para o



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

técnico Dino Sani, 52 anos, não. “Hoje, todos são iguais no futebol brasileiro. Para vencer basta que os jogadores peguem firme” simplifica ele. De fato, é na experiência de Dino, contratado ao final do ano passado, que o Coritiba mais se apóia – juntamente com a confiança nas macumbas do seu supervisor Hélio Alves, exatamente por isso conhecido por “feiticeiro”(…) Quanto a Tóbi ele tem um plano específico: mostrar serviço para ser vendido a algum grande clube e ficar então mais próximo da Seleção Brasileira.(PLACAR, 1985, pg 20)

Em contrapartida, neste momento, *Placar* apontará alguns clubes como favoritos para a conquista da “Taça de Ouro” daquele ano. Abaixo a descrição feita na edição especial de *Placar*<sup>1</sup>, antes do início da disputa, que traz as informações dos clubes que mais se destacariam, segundo a revista:

Fluminense: “LUTA CONTRA O SONHO. É a chance dos adversários: o grande favorito está sonhando com a Libertadores e o Mundial.” (PLACAR, pg 18)

São Paulo: “EM TESE, UMA MÁQUINA. Com Oscar, Pita, Careca e um punhado de promessas o técnico Cilinho mira-se no exemplo do Fluminense.” (PLACAR, pg 34)

Corinthians: “NO PAPEL, UMA SELEÇÃO. Com pelo menos 11 craques(há dois reservas de luxo), a intenção é partir do título para o Mundial Interclubes.” (PLACAR, pg 10)

Atlético Mineiro: “UM ENORME POTENCIAL. Com seu elenco cheio de craques – agora completado por Paulo Isidoro -, o Galo promete desencantar.” (PLACAR, pg 12)

Palmeiras: “PRONTO PARA EXPLODIR. A base do time que chegou a brilhar no ano passado. O estopim poderá ser a nova dupla de combate e criação.” (PLACAR, pg 16)

Flamengo: “O TALENTO GANHA FORÇA. Marquinho e Tita vão suar muito para que brilhe a habilidade de Leandro, Mozer, Adílio e Bebeto.” (PLACAR, pg 36)

Internacional: “PROMESSA COLORADA. Nos últimos três anos, o campeão gaúcho não passou da segunda fase do Brasileirão. Agora será diferente.”(PLACAR, pg 44)

Ao fim do turno da primeira fase, *Placar* traz um balanço sobre o campeonato, que evidencia mais sobre sua visão da inserção do Coritiba naquele contexto<sup>2</sup>:

“Agora o Corinthians parece estar em ponto de bala para assumir, no segundo turno, o papel de favorito a que tem direito natural pelos craques que manda a campo – numa quantidade ainda maior do que os campeões Atlético e Flamengo. É verdade que, a partir de agora, a briga engrossa e o favoritismo teórico nem sempre vai valer dentro de campo. No Grupo A, há apenas três times que não podem alimentar muitas aspirações: Coritiba,

---

<sup>1</sup> PLACAR, 25/01/1985.

<sup>2</sup> O Coritiba terminou o turno em oitavo lugar no grupo, com apenas sete pontos.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

América e Santa cruz(...)Enfim, tranqüilos mesmo, só Flamengo e Atlético, Zagalo exulta: 'Agora podemos tudo' Ele está se referindo à possibilidade de experimentar novos jogadores e jogadas(...)Aliás, grande parte do encanto do segundo turno vai estar mesmo é nos pés dos craques, que terão a última chance de mostrar a Evaristo de Macedo o futebol que pode levá-los à seleção. (PLACAR, 1985, pg 22-23)

Nesta mesma edição, reitera quais seriam os “talentos” - e em que clubes seriam encontrados - predestinados à consagração:

Se nem todos os preferidos dos técnicos brilharam, algumas promessas confirmaram o talento. Bebeto foi destaque absoluto no Flamengo: Geovani e Mauricinho fizeram grandes partidas no Vasco, Neto alternou boas atuações no Guarani com as rotineiras crises de estrelismo, Sérgio Araújo vem crescendo no Atlético, Alemão manteve uma boa regularidade no Botafogo: Tostão mostrou disposição e um belo toque de bola em todos os jogos do Cruzeiro; e Casagrande jogou bem até quando o Corinthians estava mal demais. E muita gente boa mostrou que quer voltar a seleção: Carlos não levou nenhum gol nos últimos seis jogos do Corinthians, Mauro Galvão tem sido quase tão importante para o Inter como Rubem Paz; Luizinho voltou a jogar bem no Atlético. Careca tem brilhado e marcado gols no São Paulo, e Roberto dinamite decidiu jogos importantes para o Vasco. Enfim há talento em campo. Afinal, a maior prova de que o ideal é um Campeonato Brasileiro com 16 times, com turno e retorno, por pontos corridos foi dado por este bom primeiro turno, ainda com 20. É uma pena que, depois desta primeira fase, o campeonato só vá piorar(...)Falta talento fora de campo, como sempre.(PLACAR 1985, pg 22- 23)

Assim, inicialmente *Placar* considera a equipe Coxa-branca “fraca”, sem recursos financeiros e sem muitas chances de conquistar o campeonato, sobretudo pelo fato de não possuir “craques”. Considera a revista, que o campeonato muito provavelmente ficasse com uma “grande” equipe do eixo Rio-SP, ou ainda com os mineiros ou gaúchos, pois estes sim possuiriam os “talentos”.

### 3 PLACAR: A TRAJETÓRIA DA CONQUISTA COXA BRANCA

Como se evidenciou, para *Placar* a equipe coxa-branca seria, em comparação com as outras equipes do campeonato, uma equipe “fraca tecnicamente”, sem “craques”, e será esta posição mantida em toda a “narrativa” da conquista coritibana. *Placar* irá(a priori independente disso), do início ao fim do torneio, desmerecer o regulamento do campeonato, apresentando-o como fruto da incompetência dos cartolas. O êxito inicial coritibano, e a



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

saída de equipes tidas como “grandes” do torneio, então reforçará essa atribuição ao “mal regulamento” do campeonato.

Neste ponto, cabem algumas referências mais gerais sobre aquela disputa. A revista informa que os clubes reunidos para a disputa daquele ano e a fórmula final a ser adotada, reuniria quarenta e quatro equipes do país em quatro grupos. As vinte melhores equipes do país, segundo um ranking da CBF, figurariam nos chamados grupos A e B, da seguinte forma:

Tabela 1

Clubes	
Grupo A	Grupo B
América-RJ	Bahia
Atlético Mineiro	Cruzeiro
Botafogo	Flamengo
Corinthians	Goiás
<b>Coritiba</b>	Internacional
Fluminense	Náutico
Grêmio	Portuguesa
Guarani	Santos
Palmeiras	São Paulo
Santa Cruz	Vasco da Gama

Fonte: Revista Placar(1985)

Já as outras equipes, formariam os grupos C e D. Destes grupos fariam parte o campeão e o vice da “Taça de Prata”(espécie de segunda divisão da época) do ano anterior (Remo e Uberlândia), mais 22 clubes de 22 estados brasileiros (melhores classificados via campeonatos estaduais):

Tabela 2

Clubes	
Grupo C	Grupo D
ABC	Bangu
Botafogo-PB	Brasil de Pelotas
Ceará	Brasília
CSA	Corumbaense
Flamengo-PI	Desportiva
Mixto	Joinville
Nacional	Leônico
Paysandu	Pinheiros
Remo	Ponte Preta
Sampaio Corrêa	Uberlândia
Sergipe	Vila Nova-GO
Sport	Villa Nova-MG



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Fonte: Revista Placar(1985)

Na primeira fase os clubes dos grupo A enfrentariam os clubes do grupo B, em dois turnos(valendo a regra de que clubes não jogassem com clubes do mesmo grupo). Nesta época, as vitórias da equipe representavam 2(dois) pontos ganhos na tabela, enquanto que o empate representava 1(um) ponto.

Já os clubes do grupo C e D jogariam em turno e retorno, só que no interior do grupo, entre si. Passariam para as fases seguintes quatro clubes de cada grupo(A, B, C e D) seguindo o critério de que os campeões do turno e/ou do retorno teriam vaga garantida para a fase seguinte, as outras vagas seriam preenchidas pelos melhores classificados no turno e retorno. Ao fim do turno da 1ª fase *Placar* faz um balanço positivo sobre o campeonato, que embora “esquisito”, teria apresentado o “bom” futebol:

Esquisitices legais á parte, o turno chegou ao fim com alguns dados alvissareiros para o futebol brasileiro: forma marcados 249 gols em 100 jogos, 10 gols a mais que os torcedores italianos viram nos 120 jogos do primeiro turno de seu badaladíssimo campeonato. Esta, o Brasil ganhou: 2,49 gols por partida contra 1,99 dos italianos. Evidentemente, não se pode comparar a média de público com a Itália, mas também aí a Taça de Ouro obteve um bom índice(...)E este público não deve ter se arrependido, pois viu muitos bons jogos e alguns bons times.(PLACAR, 1985, pg 21)

No final deste primeiro turno o Coritiba somou 7 pontos (ficando em 8º lugar em seu grupo), mas foi campeão do retorno e por isso se classificou(situação correlata á do Flamengo, mas este foi campeão do turno, e fez má campanha no retorno). A classificação Coxa-branca é vista por *Placar* como reflexo da “sorte” e de um “regulamento esdrúxulo”, que teria ainda “conseguido” retirar outros times que detinham o “bom” futebol do campeonato:

No último minuto do jogo, o ponta direita Lela, que foi parar no Coritiba depois de jogar no Fluminense, fez 2 x 1 no Santos e classificou o time do Paraná na vaga que poderia ter sido do tricolor carioca. Poderia, pois o esdrúxulo e intrincado regulamento a Taça de Ouro não respeita a vontade dos deuses e nem mesmo os méritos esportivos de cada equipe(...)É só ver a lista dos que estão saindo: Fluminense (o campeão brasileiro, com direito adquirido de disputar a Libertadores da América e, portanto, o mundial interclubes), Grêmio (campeão brasileiro de 1982, e mundial de 1983), e mais o São Paulo do futebol alegre, jovem e ofensivo demoradamente aplaudido pela torcida no dia em que foi desclassificado, e outros grandes, de futebol momentaneamente curto, mas de permanente apelo junto aos torcedores.(PLACAR, 1985, pg 4-6).



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Após o retorno reunindo-se os classificados para a fase seguinte, os 16 clubes foram então divididos em quatro grupos (E, F, G e H), misturando-se os clubes melhores colocados dos grupos A e B com clubes dos grupos C e D, jogando agora em turno e retorno, classificando-se apenas os campeões das chaves, da seguinte forma:

Tabela 3

Clubes			
Grupo E	Grupo F	Grupo G	Grupo H
Atlético-MG	Bahia	Corinthians	Bangu
CSA	Brasil de Pelotas	Coritiba	Internacional
Guarani	Ceará	Joinville	Mixto
Ponte Preta 6	Flamengo	Sport	Vasco da Gama

Fonte: Revista Placar(1985)

Esta fase de grupos, já não seria “tão boa” quanto a anterior “como previa” *Placar*, disputando o Coritiba a chave com dois clubes “menores”(Sport e Joinville) e um Corinthians, que na derrota, e depois com a efetiva desclassificação, revelar-se-ia na verdade, em crise:

Há crise sim presidente. Pelo menos quem assistiu à derrota para o Coritiba por 1 x 0, lá no Couto Pereira, viu que há crise. E como!(...)Pode ser que esteja faltando sorte ao Corinthians, que pressionou mais que o Coritiba. Mas o time dirigido por Carlos Alberto Torres se perdeu no bloqueio armado pelo esperto Ênio Andrade e não soube buscar o empate. O desespero de jogadores tarimbado como os do Corinthians chegou a espantar o pessoal do Coritiba(...)'Nosso time é modesto', dizia o técnico, 'mas é aplicado e não se intimida. Hoje contra o Corinthians, que para mim continua sendo o mais forte do grupo, nós provamos que tranquilidade e aplicação são fundamentais para qualquer time'(...)A torcida coxa, em festa, não concordava inteiramente com seu técnico. E dava ao Timão o apelido que anda merecendo: “Timinho, timinho”(PLACAR 1985, pg 13)

Neste cenário, segundo a revista, é que o Coritiba conseguirá a classificação para semi-final, tendo agora a missão de “..eliminar o poderoso esquadrão Atletico-MG, único representante da elite dos clubes brasileiros nas finais da Taça de Ouro”( PLACAR, 1985, pg 5) em um campeonato “absurdo” e na verdade “fraco tecnicamente”. E tal “façanha” *Placar* atribuirá a “muita determinação” da equipe coritibana, reportando assim este momento: <sup>1</sup>“CORITIBA, HERÓICO E CONSCIENTE: O time de Ênio Andrade chega a decisão depois de eliminar o Atlético em Pleno Mineirão, com muita raça. E vai ao Rio disputar o título com a mesma determinação.” PLACAR, 1985, pg 5)

A classificação também acabaria revelando, enfim, o “grande segredo” do Coritiba (para chegar até ali), o técnico Ênio Andrade: “O grande segredo da bela campanha



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

paranaense parece ser mesmo essa figura carismática chamada Ênio Andrade.”( PLACAR, 1985, pg 6)

A outra semi-final seria o “Bra-Ban”: o “clássico surreal” daquele campeonato “esdrúxulo”. *Placar* novamente se pronuncia nesta fase do campeonato sobre a fórmula de disputa. Segundo a revista, a classificação do Brasil de Pelotas e do Bangu – eliminando clubes como Flamengo e Bahia - evidenciaria mesmo um campeonato “absurdo”. Mas do qual sairia a equipe Bangu, para as finais, que apresentava um futebol “bonito” e simpático”:

BANGU, MODÉSTIA À PARTE. Com um futebol de crioulo, malandro, solto, solidário e aguerrido, o time de Castor de Andrade chega ao ponto mais alto em sua vida. Um título já ganhou: campeão da simpatia(...)E a prova estava ali, com o Bangu mostrando, a partir do gol, um futebol malandro, solto, aguerrido e solidário. (PLACAR, 1985, pg 10)

A final<sup>3</sup> colocaria então o “determinado” futebol da equipe do Coritiba, contra o futebol “bonito” da equipe do Bangu, que em Marinho chegava a lembrar o futebol de Garrincha:

Na verdade, muita gente que foi ao Maracanã assistir à decisão da taça de Ouro entre Bangu e Coritiba, várias vezes se lembraram de Garrincha. Marinho deu dribles desconcertantes no seu competente e promissor marcador, o lateral Dida. A torcida ia ao delírio. O ponta provou mesmo que foi o melhor do Campeonato Brasileiro – e por isso ganhou a Bola de Ouro, de Placar. (PLACAR, 09/08/1985, pg 28-29)

*Placar*, neste momento consagra o goleiro Coxa-branca como “São Rafael”, exaltado enfim como o grande herói da conquista:

Depois, entrar em campo e começar, ele, a fazer milagres. Tantos milagres que a campeã nação coxa-branca resolveu, por conta própria, canonizar seu mais novo santo: São Rafael, o goleiro do milagre(...)Contra Atlético Mineiro no Mineirão, e Bangu, no Maracanã, São Rafael foi simplesmente perfeito(...) Mais recordações[de Rafael] (PLACAR, 1985, pg 16)

Como se percebe, já ao fim do campeonato, para *Placar* a equipe Coxa-branca continua sendo “fraca”. Suas virtudes – além da ajuda de um “mal regulamento” e da “sorte” – poderiam ser buscadas sobretudo no técnico Ênio Andrade e no goleiro Rafael. No

---

<sup>3</sup>A final do campeonato brasileiro de 1985, entre Bangu e Coritiba, foi decidida em uma partida, e terminou empatada em 1x1. Persistindo empate na prorrogação, foi enfim definida nos penaltis, saindo o Coritiba como campeão.





# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Coritiba não há “craques” e o “estilo de jogo” também é depreciado por *Placar*: um estilo baseado no conjunto, de “pouco brilho e muita aplicação”<sup>4</sup>, contraposto por exemplo ao futebol “alegre” do Bangu de Marinho.

Diante do quadro exposto, a idéia é agora entendê-la dentro de uma problematização social e histórica.

#### 4 PLACAR: INSERÇÃO SOCIAL, HISTÓRICA E A SUA “VISÃO BRASILEIRA”, EM 1985

Entende-se a *Revista Placar* como um dos veículos midiáticos impressos, dentro do Brasil, que provavelmente tenha mais força e mais disponha de prestígio sobre um público leitor nacional sobre futebol. Nesse sentido, faz-se necessário entender de que forma esta mídia se insere socialmente e como opera dentro dos seus limites para contribuir na produção de uma determinada “visão nacional” sobre o campeonato de 1985. Assim sendo, implica-nos considerar algumas questões mais abrangentes.

A *Revista Placar*, existente desde os inícios de 1970, é um dos produtos de grande destaque do *grupo abril*, conglomerado que se define atualmente como “...um dos maiores e mais influentes grupos de comunicação da América Latina.”<sup>5</sup> Além de *Placar*, o *grupo abril* detém(entre outras)publicações tais como *Quatro rodas*, *Playboy*, *Veja*, *Capricho*, *Manequim*, *Cláudia*, *Nova*, *Elle* e *Estilo*, e outras mídias tais como *MTV*, *TVA* e *BrasilOnline*(internet) os quadrinhos da família *Disney*, e os da *Recreio*. Também detém a liderança do mercado brasileiro de livros escolares com as editoras *Ática* e *Scipione*. Em suma, não é de duvidar quando o grupo se auto afirma como o que “...fornece informação, cultura, educação e entretenimento para praticamente todos os segmentos de público e atua de forma integrada em várias mídias.”<sup>6</sup> Assim sendo, acredita-se relevante notar como a empresa se apresenta institucionalmente. Segundo a editora, ela teria nascido “...com base nos princípios de integridade, qualidade, liderança e inovação”<sup>7</sup>, tendo como “missão”:

---

<sup>4</sup>PLACAR, 09/08/1985, pg 21.

<sup>5</sup><http://www.grupoabril.com.br/institucional/perfil.shtml>, visitado em 04/09/2011.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Ibidem.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A Abril está empenhada em contribuir para a difusão de informação, cultura e entretenimento, para o progresso da educação, a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas do país.<sup>8</sup>

Seus “valores”: “Excelência, Integridade, Pioneirismo e Valorização das Pessoas”. Seus “princípios”: “Foco no cliente, Rentabilidade e Competitividade.”. E a sua “visão”: “Ser a companhia líder em multimídia integrada, atendendo aos segmentos mais rentáveis e de maior crescimento dos mercados de comunicação e educação.”<sup>9</sup>

Pelas informações obtidas, pode-se considerar *Placar* portanto tradicionalmente como um veículo *mass media*, ou seja um veículo que tem como objetivo principal a exposição dos seus produtos(esportes) a um maior número de pessoas possíveis, através de determinados dispositivos comerciais, para que elas consumam suas publicações. Dentro desta perspectiva, é possível alinhar-se neste ponto as representações de *Placar* às idéias de Ronaldo Helal, sociólogo que trabalha muito com os fenômenos midiáticos do futebol: “De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de ‘heróis’, ‘estrelas’ e ‘ídeos’. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento.”

Assim sendo, á partir de Helal temos a justificativa já do porquê da recorrência em *Placar* da alusão aos “craques”. No entanto, neste ponto, achamos imprescindível fazer referência ao antropólogo Luiz Henrique de Toledo, já que segundo ele as construções simbólicas na esfera dos discursos futebolísticos obedecem a três perspectivas:

A crônica esportiva especializada é uma instância de intermediação material (...) a fala *especialista* pode ser subdividida em três perspectivas, não necessariamente excludentes entre si (...) primeira, a que se legitima por um discurso mais identificado e afinado com o domínio torcedor (...) uma segunda que prima por uma análise desapassionada e distanciada, mais tecnicista portanto. E uma terceira, imiscuída nas anteriores, que enfatiza os aspectos políticos do futebol profissional, mais atenta às mudanças institucionais, dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte.(TOLEDO, 2002, Pg 160-161)

Nesta ordem de idéias, verifica-se portanto considerar que àquela representação de idolatria, perpassam obrigatoriamente determinados condicionantes de discursos peculiares ao âmbito da crônica esportiva. Para o caso aqui expostos - atentos ao ‘discurso tecnicista’

---

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Ibidem.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

de Toledo - verificamos nos discursos de *Placar* sobre o Coritiba, que aqui não havia “ídolos”, “craques” – o clube aliás tinha “fé no conjunto”. Ou seja, a construção de “idolatria” aqui opõe no mesmo sentido categorias como individualismo/craque x conjunto/limitação técnica.

Tal constatação, na verdade, revela o presente caso como mais uma evidencia do entendimento pela mídia esportiva(já verificado por outros estudiosos) de “futebol” e “bom futebol” no Brasil, como (necessário e) “fortemente” ligado ainda aos elementos evocados no processo da construção da nossa identidade nacional(ANTUNES, 2004). Tal modelo, teria consolidando-se da década de 50/70, momento o qual o selecionado brasileiro conquistou três copas do mundo, através de uma *forma* peculiar “nossa” de jogar. Nessa perspectiva, podemos inclusive citar a constatação de Abrahão, Di Blasi e Santoro(2007), afirmando inclusive que esta *identidade* encontra-se muito sólida atualmente através da evocação pela mídia do “camisa 10”.

Helal(1999), por seu turno, considera que esta idealização e idolatria pela mídia brasileira, não se encerra apenas ao “mundo do futebol”, mas também ao mundo artístico, e enfim revela uma forma própria de representação que o brasileiro faz do “suceso”. Aqui, valores evocados são os do improvisado, o do talento inato, em contraposição ao treino, ao trabalho, ao esforço. Segundo o sociólogo, no campo futebolístico - inclusive entre os próprios cronistas esportivos - seria comum a verificação do termo “esforçado” com uma conotação negativa, sendo geralmente relegada ao “perna de pau”.

E é dentro dessa perspectiva, que nos parece relevante destacar a referência nas finais daquele campeonato, dada com ênfase ao atacante Marinho do Bangu, bem como a justificativa do prêmio “Bola de ouro” oferecido pela revista:

Na verdade, muita gente que foi ao Maracanã assistir à decisão da taça de Ouro entre Bangu e Coritiba, várias vezes se lembraram de Garrincha. Marinho deu dribles desconcertantes no seu competente e promissor marcador, o lateral Dida. A torcida ia ao delírio. O ponta provou mesmo que foi o melhor do Campeonato Brasileiro – e por isso ganhou a Bola de Ouro, de *Placar*. (PLACAR, pg 28-29)

Mas a falta da incorporação de um “tipo de jogo” idealizado, não explicaria totalmente o fato do Coritiba ser “representado” como “zebra”, sem “ídolos” e “craques”, ou ainda “vilão” pelo veículo midiático, haja vista que os gaúchos, historicamente (DAMO, 1988) também se contrapõem a essa *forma de jogo* difundida como símbolo da brasilidade, e são



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

nos inícios do campeonato - através de seus clubes Internacional e Grêmio - evocados com seus “personagens”.

Diante desta consideração, nos parece claro portanto que - além de um idealizado simbolismo na *forma de jogo* - a interpretação da revista sobre o campeonato de 1985 por *Placar*, se dá sobretudo considerando uma estrutura fechada, em que apenas determinados clubes detém “capital simbólico” necessário a auferir a determinados indivíduos a alcunha de “craque”, e que este “capital simbólico” está diretamente ligado a possibilidade de se convertido em capital econômico pela mídia. Ou seja, de forma mais direta, a “idolatria” a determinados jogadores - os “craques” - é construída á partir de condicionantes do mercado e do apelo junto ao público da revista, evidenciando-se portanto e mais uma vez que os discursos provenientes de *Placar* são sobretudo reflexos de um fenômeno de massa<sup>10</sup>.

Daí, provavelmente o a explicação do uso recorrente do termo “talento” pela revista, demarcando a condicionante do indivíduo frente ao domínio do seu destino como jogador de futebol. Mesma lógica que se percebe na alusão de determinados clubes inerentemente como “grandes”. Ou seja, para se ter sucesso no Brasil – tal como um privilégio –, é uma questão de “dom”, de “talento”, não de trabalho. Da mesma forma, um clube pra merecer a alcunha e a predestinação de “campeão”, é necessário ser “grande”<sup>11</sup>.

Como se sabe, tal situação reflete-se de forma ampla e histórica nos domínios da vida brasileira. Da Matta (1982) defende que a esfera pública brasileira é marcada por um ranço autoritário, da verticalização do poder, onde “valem” os laços pessoais, o “status” social do indivíduo, e onde as instituições públicas estão desmoralizadas por práticas corruptas.

Inclusive, tais elementos culturais se farão muito presentes no momento histórico político brasileiro, paralelos á época da conquista coritibana. Tido por muitos como o momento da “redemocratização” brasileira, o que se verá é que houve neste momento um forte “protagonismo” das elites brasileiras pela *abertura*(SHARE, 1988, pg 235) de forma

---

<sup>10</sup>Não se obteve dados desta época, mas através do site da FIFA (<http://pt.fifa.com/associations/association=bra/countryInfo.html>, visitado em 04/09/2011) sabe-se que atualmente no Brasil existem cerca de 13 milhões de jogadores de futebol(cerca de 2 milhões registrados). Tendo isso como parâmetro, parece absurdo “comprar” simplesmente a idéia da revista sobre “favoritismo” e “craques”.

<sup>11</sup> Nessa linha de raciocínio, Shikida, Monasterio e Araújo Jr sustentam que o desempenho de um clube no campeonato brasileiro não é influenciado apenas pela “qualidade técnica dos seus jogadores”, mas também por fatores econômicos e políticos. Araújo Jr., A.F. & Shikida, C.D. & Monasterio, L.M. **Abrindo a “caixinha de surpresas”: uma análise econométrica do futebol brasileiro**. Revista Análise econômica, Belo Horizonte, 2005.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

controlada (SELCHER, 1988, pg 120) considerando que a ditadura militar (como regime) revelava-se altamente custosa, em decrescente legitimidade, e anti-econômica. Esta abertura dar-se-ia contra a centralização e a estatização, em favor da livre iniciativa e da economia de mercado. E através da manutenção de uma estrutura corporativo/autoritária no aparelho estatal, legado ainda da era Vargas, podendo adaptar-se às exigências da democracia formal, uma *democradura* (BALOYRA, 1988, pg 36).

Ou seja, dentro dessa perspectiva, poder-se-ia inclusive dizer que o Estado brasileiro apenas superou um “formato” autoritário de não-representação capitalista, para um modelo de democracia formal, ou melhor para um capitalismo democrático, sem funcionamento efetivo de fato, ao considerar-se que a democracia implica na existência de cidadãos em condições de autonomia não só política, mas também social e econômica; implica uma questão estrutural e sobretudo cultural (BÒRON, 1995, pg 63-118).

Agora se partirmos para uma análise mais abrangente, considerando o fenômeno da globalização, veremos através de Ianni, que elementos e valores desse “fenômeno de massa” os quais estão expressos em *Placar* de 1985 – em que figura como pano de fundo a conquista coritibana - são reflexos e partes integrantes de fenômenos mais amplos como uma “nova onda” de um processo civilizatório em andamento trazido pela *globalização*:

Em boa medida, a mundialização cultural, principalmente no que se refere à cultura de massa, é grandemente realizada e orquestrada pela mídia impressa e eletrônica. Ela se organiza numa indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial(...) Combinada com o marketing global, com o qual convive e confunde-se muitas vezes, difunde e reitera continuamente padrões e valores prevaletentes nos centros dominantes, irradiados desde as cidades globais, tecendo mercadoria e ideologia, corações e mentes, nostalgias e utopias. (IANNI, 1997, pg 145)

Ainda nessa perspectiva, e considerando que *Placar* é um produto “preparado” para o consumo de um público nacional, estabelecerá com este público determinada “relação” a qual busca-se em Kellner, o seu significado:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculo ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que as pessoas forjam a sua *identidade*(...) É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital(...) contribuem para nos ensinar



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não.(KELLNER, 2001, pg 8-9)

Em última análise, a percepção “qualitativa” á respeito do campeonato de 1985 oferecidas por *Placar*, seja no início dele ou através da narrativa da conquista coxa-branca oferecidas pelo veículo, ultrapassando muito os domínios dos elementos do campo esportivo, embora como vimos, nele muito influencie.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se viu, através desse artigo, houve um grande “estranhamento” no que diz respeito à interpretação da conquista coritibana, pela revista *Placar*, no ano de 1985. O próprio título deste ensaio procurou evidenciar este estranhamento. Escolhemos um aspecto, recorrentemente abordado pela revista, para enfim dar contornos finais a nossa análise.

O principal argumento da revista contra a “qualidade” campeonato de 1985 seria acerca da sua “pobreza” meritocrática, o qual em última análise teria servido para a consagração da “injustiça” e o “atrapalho” do “bom” desenvolvimento do futebol nacional. Isto porque, considera a revista, que o “bom” futebol seria encontrada em determinados times, em determinados jogadores desses times, e sobretudo numa determinada *forma* de jogo.

Mas como se percebe, o “universo” abraçado por *Placar* como “bom” futebol, além de restrito e fechado, fica muito longe de representar a totalidade do futebol brasileiro, e portanto nos parece impossível - senão absurdo - considerar como “meritocrático” tal concepção pela qual a revista milita.

Mas mais absurdo se revela a defesa da revista por uma causa de “bom” futebol, quando se percebe que este “campo qualitativo” proposto pela revista dispõe em sua plenitude, na verdade, de um “espírito” altamente anti-meritocrático (“talento”, “grandes clubes”). E finalmente, quando se percebe que as representações deste “mundo desportivo”(real ou um idealizado futuramente pela revista) são motivadas sobretudo por fatores econômicos, os quais a própria revista enquanto agente legitimador e consagrador do campo desportivo ajuda a perpetuar e delas se beneficia.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; BLASI, Felipe Di; SALVADOR, Marco Antônio Santoro. **A “camisa 10” do futebol como um símbolo na manutenção da identidade nacional – o discurso da mídia.** Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, v.2, n.6, 2007.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues.** Editora Unesp: São Paulo, 2004.

BERSTEIN, Serge. **A cultura política.** In: RIOUX, Jean-Pierre ; SIRINELLI, Jean-François. Por uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces.** São Paulo: Cultrix, 1992.

DAMO, Arlei Sander. **Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro.** Revista Estudos Históricos. Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, n. 23, 1991.

**DOSSIÊ REVISTA USP:** São Paulo, n. 22, 1994.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: **Mídia, raça e idolatria: A invenção do país do futebol.** Editora Mauad. Rio de Janeiro, 2001.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MATTA, Roberto da. **Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v.1, 4, p. 54-60, nov. 1982.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol empresa.** Campinas: Unicamp, 1998.  
**REVISTA HISTÓRIA QUESTÕES E DEBATES: ESPORTE E SOCIEDADE,** Curitiba, n.39, Ed. UFPR, 2003.

**REVISTAS PLACAR,** São Paulo, 1985.

RIBEIRO, Luiz Carlos(org). **Futebol e Globalização.** Jundiaí: Fontoura, 2007.

SELCHER, Wayne A(org). **A abertura política no Brasil: dinâmica, dilemas e perspectivas.** São Paulo: Convívio, 1988.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.